

as 5 casas de Bruna Canepa

Angelo Bucci

2014

Escola da cidade

introdução

As 5 Casas de Bruna Canepa, trabalho final de graduação apresentado na Escola da Cidade em 11 de dezembro de 2013 sob orientação de César Shundi Iwamizu, faz pensar no sentido do ensino e da atividade da arquitetura. Melhor dizendo, o resultado do trabalho dela revigora a nossa fé nas duas coisas.

De início, vale um destaque, a produção deste trabalho pressupõe a pré-existência de um mal estar, que graças à sensibilidade aguçada neste caso aciona a arquiteta logo de início, ou ainda antes disso. Ali, a sensibilidade atua como um motor, cujo combustível é a angústia, diante dos limites estreitos para um agir excessivamente pré-definido; a insatisfação, diante da hegemonia de um agir puramente técnico e normativo; a carência, que se ressentida da falta de um agir simbólico; enfim, o inconformismo em resignar-se ao que não lhe basta. Ou seja, a partir do que a sensibilidade destila o motor se põe em movimento e cobra do sujeito uma reação à altura. A resposta, para ser formulada de modo contundente, mobiliza todo um arsenal propositivo. Mas atenção, as duas expressões, sensibilidade e arsenal propositivo, têm espessura. Ou seja, elas contêm uma gradação imensa, uma variação de níveis que definem por um lado, digamos assim, uma certa intensidade sensível; e, por outro lado, a capacidade para formular uma resposta. É nessa espessura que se define a densidade das obras produzidas no processo. Por isso, percebê-la, como se ela correspondesse ao material que preenche a distância imensa que separa a superfície do núcleo de uma questão, é objetivo crucial aqui. Além disso, o ponto interessa em especial no contexto acadêmico, pois o papel de uma faculdade de arquitetura só se realiza no compromisso de elevar ao máximo a qualidade das proposições arquitetônicas, e isso pressupõe identificar e trabalhar na densidade dos termos, na espessura que cabe na sensibilidade e no arsenal propositivo.

Acontece que aquele mesmo mal-estar que instiga a sensibilidade da autora no trabalho em questão, está também disseminado nas escolas de arquitetura do mundo todo. Mas elas, as instituições, estão em desvantagem, pois lhes falta aquela sensibilidade e, por isso, elas são incapazes de elaborar uma reação pelos sentidos. Ao contrário, nelas tende a predominar um desconforto difuso em que se turvam tanto o contexto que provoca quanto a capacidade de resposta. É por esse caminho que 5 Casas se universaliza, ou seja, ele elabora um projeto único e belíssima em resposta a um mal-estar compartilhado entre muitos.

A origem daquele mal-estar está na cisão que desfaz uma dualidade. Ou seja, na quebra do elo tenso que mantém juntos dois campos, aparentemente opostos. Essa dualidade é dinâmica e se desequilibra facilmente, portanto ela precisa ser renovada continuamente refazendo o elo que mantém atados os dois campos. Esse elo se renova que neste trabalho. A dualidade, no caso, é como uma peça teatral que, a cada momento, é necessária uma nova representação [fazer virar presente de novo], novos atores que atuam [atualizam] a fim de renovar seu significado. Os personagens podem mudar a cada época, mas eles sempre representam aqueles dois campos separados: letra e número, teoria e prática, juízo e ação, corpo e alma, música e letra, imagem e matéria, arte e técnica e assim por diante; mas os campos do saber que compõem a dualidade são sempre os mesmos, os dois únicos que organizam todo o saber: as ciências dos homens e as ciências da natureza. Nenhuma palavra representa melhor o elo que ata esses dois mundos do que uma palavra composta por duas outras cada uma delas apoiada num dos dois campos, a palavra em si carrega essa dualidade, mas não é uma coisa nem a outra, ela foi criada justamente para designar a atividade que se apoia, ao mesmo tempo, em dois

terreno distintos: arquitetura é o elo. Ora, nesse sentido o trabalho 5 Casas torna-se sinônimo de arquitetura. Não é pouco.

Mas é mais. Pois como vimos, a dualidade se desequilibra ciclicamente. Atualmente, ela está subjugada à hegemonia da razão técnico-científica. Assim o elo que garante a permanência da dualidade se fragiliza e ela, a dualidade, tende a se desfazer, ou reduzir-se a apenas um dos seus componentes. Um se expande enquanto o outro se comprime, mas, claro, assim os dois juntos se deformam simetricamente. Recursos abundantes e escassez de sentidos. A razão humana se esvanece. Mal-estar para um espírito sensível. Ínfimo campo de possibilidades para as elaborações do arsenal propositivo propriamente humano. É por esse caminho, que o trabalho em questão amplia o nosso campo de possibilidades e revigora a nossa fé no ensino e na atividade da arquitetura.

Como a Bruna Canepa faz isso com apenas 5 casas?

estratégias

Deliberadamente, o trabalho inventa um método para atravessar direto por tudo o que se opõe como obstáculo paralisante ao seu processo de elaboração propositiva. Assim, passa livre por tudo e, municiado de um conjunto de procedimentos pré-definidos, vai diretamente ao alvo: as casas da existência humana. Ou seja, o desenho da Bruna põe o foco na vida numa dimensão existencial.

Além do próprio título, 5 Casas, duas estratégias merecem destaque.

A primeira delas é a própria dualidade, ou o elo que a garante, que é um aspecto recorrente no trabalho. São dualidades gerais, como o texto e os desenhos; a casa e a cidade, o habitado e o habitante, a morada e o morador; e dualidades específicas, como o plano que divide, mas também funde [casa plano], as casas irmãs [casa museu], o muro e a janela [casa outdoor], varandas opostas [prédio de um homem só], o permanente e o mutável [casa tempo]. Porém, vale notar, a dualidade no trabalho não se apresenta como uma meta, aqui ela corresponde à consciência de uma condição, no sentido de que é ela que informa cada ação em oposição à outra, como se todo movimento num campo reverberasse no campo oposto. É como se os movimentos fossem os atores que representam os aparentes opostos: aumentar e miniaturizar, esticar e encurtar, cercar e abrir, seccionar e duplicar, levantar e afundar e assim por diante. Assim, a dualidade é o pano de fundo que informa cada movimento sensível.

O segundo destaque, claro, está no conjunto de procedimentos, a casa e dezessete ações, apresentados num diagrama, ou melhor, os dezoito procedimentos. Eles são operações no sentido que não são lançados para produzir um resultado determinado, mas sim aberto, são lançados como um modo de agir estratégico. Eles correspondem a esquemas propositivos que se desdobram tanto nos desenhos quanto nos textos. É notável que o primeiro desenho neste diagrama corresponda à casa, o único desenho cujo título é um nome, pois aos outros todos correspondem verbos. São dezoito de fato, pois eles representam dezoito modos de ver, e agir, portanto ao primeiro também corresponde a um verbo.

Faz todo sentido, pois uma meta importante deste trabalho é provocar o olhar. E faz isso ao dizer que para ver é preciso olhar a mesma coisa de muitos modos distintos, tantos quantos se possa. Diz demonstrando claramente. Nesse sentido as cinco casas são apenas uma, uma mesma casa, não necessariamente a primeira mostrada no diagrama, vista através de várias lentes distintas.

Mas são mais que casas, elas contêm a cidade representada pelos livros, pelo avião [cidade que voa] e pelo navio [cidade que navega]. Elas contêm o céu, tão bem representado na casa plano: um quarto que tem como teto a abóbada celeste. Elas contêm o tempo presente, passado e futuro no andamento que forma a casa tempo. Enfim, a impressão que se tem é de que tudo que ocupa o universo imaginário dos arquitetos comparece na abordagem surpreendente que se imprimiu a um tema aparentemente tão singelo, a casa. Basta?

conclusão

Não, pois segue adiante. O conjunto todo tem linearidade, formato e narrativa que faz com que a sequência das pranchas seja vista de modo encadeado e entrelaçado. É verdade, as peças juntas são um conjunto tão coeso que formam uma única obra. Por outro lado, e isso é muito surpreendente, cada peça produzida, se tomada isoladamente é uma obra que tem autonomia em relação às outras, ou seja, que se basta completa sem se ressentir da falta do conjunto. Trata-se de um equilíbrio tão bem feito entre o conjunto e as unidades que o compõem que nos faz pensar que estamos diante de um modelo para a cidade como espaço construído e como convívio entre as pessoas. Certamente é a cidade também que o informa. As casas contêm a cidade dentro delas.

Evidente, Bruna sabe a letra, a música e, mais importante, ela que sabe o que dizer. Ela inventa uma estratégia para atravessar as barreiras, empresta a sua sensibilidade aguçada e arsenal propositivo para formular o que a uma instituição seria impossível de fazer. Celebração para uma boa escola que sabe muito bem, é ela mesma quem recebe, vindas dos seus estudantes, as melhores lições.

As 5 Casas de Bruna Canepa é um trabalho a ser lembrado.